

Aluna: Maria Luiza Baldez

Orientadora: Rosália Duarte

Jovens de escolas públicas do Rio de Janeiro e mídias digitais

Introdução

Este relatório apresenta e analisa fatores específicos que compõem a vida social e escolar de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas do município do Rio de Janeiro. A intenção é moldar um panorama relativo a esta juventude, para melhor compreendê-la e caracterizá-la. Restringi meu estudo à apresentação do perfil socioeconômico e cultural dos sujeitos da pesquisa “Juventude e Mídia: fatores escolares e sociais”, além de fazer uma observação dos modos de uso das mídias por estes estudantes.

Porém, para que seja possível discutir a relação entre os jovens e a mídia, primeiramente é necessário caracterizar o meio em que vivemos. O tema “Jovens de escolas públicas do Rio de Janeiro e mídias digitais” será introduzido, portanto, com uma visão panorâmica da relação entre a sociedade e a mídia.

A presença da mídia no mundo contemporâneo é facilmente observada. Estamos cercados por informações, provenientes dos mais distintos meios de comunicação - jornais, revistas, televisão, rádio, internet. Em seu livro “Cultura da convergência”, Henry Jenkins se propõe a discutir três conceitos relativos ao mundo contemporâneo: convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva. Ou seja, vivemos em um mundo em que coexistem múltiplos sistemas de mídia, o que permite grande fluidez de conteúdo: “a convergência é entendida aqui como um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia, não uma relação fixa” (Jenkins, 2006). Acrescenta-se, ainda, a participação ativa dos consumidores na produção de conteúdo, o que colabora para aumentar o nível de conhecimento daqueles que integram este meio – é a formação do que o autor chama de inteligência coletiva.

Dentre os exemplos utilizados por Jenkins para demonstrar a relação entre a sociedade e a convergência midiática, explicitaremos aqui o exemplo do uso do computador. Para o estudo, este é um foco importante, pois ajuda a pensar sobre os usos

de mídia que os jovens se dizem capazes de fazer. Sobre isto, Jenkins comenta: “Um adolescente fazendo a lição de casa pode trabalhar ao mesmo tempo em quatro ou cinco janelas no computador: navegar na Internet, ouvir e baixar arquivos MP3, bater papo com os amigos, digitar um trabalho e responder e-mails, alternando rapidamente as tarefas”.

Contudo, não basta identificar a presença da mídia para analisá-la: é necessário um detalhamento. Deste modo, é possível distinguir os modos de usos das mídias e os diferentes grupos sociais que a utilizam para, assim, identificar como cada parcela da população é particularmente afetada pela presença midiática. Quanto maior o grau de detalhes, mais eficazes os resultados obtidos.

Portanto, faço agora uma análise descritiva dos resultados dos questionários aplicados a 3.705 alunos do nono ano de 39 escolas públicas do Rio de Janeiro do ano de 2009 - nascidos, em sua maioria (69,7%), em 1993 e 1994.

Desenvolvimento

Os resultados foram bastante positivos quando se trata de acesso a recursos de informação: 3.582 alunos (96,7%) declararam que têm acesso ao computador. Outro fator importante a se considerar é há quanto tempo estes jovens utilizam o computador para, posteriormente, verificarmos quais são as atividades realizadas por eles e se estas têm alguma relação com o tempo de uso. Foram 1.011 alunos (27,3%) que responderam que utilizam o computador há mais de cinco anos; outros 1.241 (33,5%) afirmaram que têm acesso há mais de três anos; e 884 alunos (23,9%), há mais de um ano. Estes dados demonstram que 84,7% dos estudantes pesquisados possuem uma familiaridade com o uso há um período significativo de tempo, sendo que a maioria tem apenas entre 15 e 16 anos, sendo que 24,3% dizem ter acesso a internet discada e 56,2% à internet de banda larga.

É preciso conferir os modos de uso para entender se esta familiaridade representa uma ampla atuação nos diversos tipos de atividade que podem ser realizadas no computador ou apenas uma repetição de atividades básicas, inicialmente aprendidas.

Antes de comentarmos sobre o uso que os estudantes fazem do computador, façamos uma observação sobre os locais de uso. Afinal, também é possível que as atividades sejam determinadas pelo local de uso. Para isso, é preciso verificar as

respostas obtidas, descobrir onde o acesso dos estudantes é mais frequente e, então, relacionar com o uso.

Os alunos foram questionados em relação ao uso do computador na escola, em casa, em locais públicos e na casa de parentes ou amigos. Eram sete respostas possíveis: “Nunca”, “Raramente”, “Uma vez por mês”, “Uma vez por semana”, “Várias vezes por semana”, “Uma vez por dia”, “Várias vezes ao dia”. Consideramos que são três as respostas que demonstram que o aluno faz uso constante do computador: “Várias vezes por semana”, “Uma vez por semana”, “Várias vezes ao dia”. O uso “Uma vez por semana” foi aqui desconsiderado por indicar pouco interesse ou pouca oportunidade, o que não pode ser entendido como constante.

Uma parcela significativa (64,8%) declarou que nunca usou o computador na escola. Outros 23,9% responderam “Raramente”. Observa-se, assim, que 88,7% dos estudantes não possuem acesso frequente à internet dentro da escola, demonstrando que a escola não é, para esses jovens, um local determinante de uso.

A situação é inversa quando se discute o âmbito doméstico. Em casa, cerca de metade dos estudantes (48,6%) afirmaram ter acesso ao computador todos os dias. Outros índices significativos são “Uma vez por dia”, totalizando 9,7% dos alunos e “Várias vezes por semana”, 11,4%. Ou seja, 69,7% dos estudantes acessam constantemente o computador em casa.

Evidenciamos, por fim, as repostas em relação ao uso do computador em locais públicos e casa de parentes ou amigos. Considerando as três respostas que revelam constância, “Várias vezes por semana”, “Uma vez ao dia”, “Várias vezes ao dia”, 25,6% dos estudantes declararam usarem o computador na casa de parentes ou amigos e 29,6% em locais públicos. Os dois casos demonstraram resultados parecidos também ao que se refere às respostas “Nunca” e “Raramente”: 52,5% para casa de parentes ou amigos; e 52,4% para locais públicos. Ainda que não seja um hábito praticado pela maioria dos estudantes, ambos são locais em que o acesso é significativo e, portanto, também influenciam nos usos que os estudantes fazem do computador.

O alto índice de uso levanta o debate sobre a existência de nativos digitais. O termo “nativos digitais”, amplamente usado para se referir a uma geração nascida a partir de 1980 que, supostamente, estaria imersa em uma cultura tecnológica, encontra sua principal crítica no artigo “The ‘digital natives’ debate: a critical review of the evidence”, de Sue Bennet, Karl Maton and Lisa Kervin. Para estes autores, a utilização do termo é imprecisa, baseando-se em apelos ao senso comum por uma observação

simples do cotidiano, em que se verifica que os jovens, por fazerem uso constante da tecnologia, desenvolveram uma habilidade tecnológica e fizeram com que esta se tornasse parte intrínseca da sua vida. Tal observação permitiu uma conclusão errônea de que a vida escolar deve se modificar para atender à demanda dos jovens pela tecnologia. “O debate sobre os ‘nativos digitais’ é, portanto, baseado em duas afirmações-chave: (1) que uma distinta geração de ‘nativos digitais’ existe; e (2) que a educação precisa mudar fundamentalmente para atender às necessidades desses ‘nativos digitais’” (Bennet, Maton e Kervin, 2007).

Este argumento, porém, é considerado equivocado pelos autores pelo que argumentam ser uma “falta de base empírica” que possa sustentá-lo. Expliquemos, então, as críticas de Bennet, Maton e Kervin em relação ao termo, construídas após uma detalhada análise de diferentes pesquisas que relacionam o uso de tecnologia aos jovens. Os autores puderam observar, primeiramente, que existem áreas em que este uso tecnológico não pode ser considerado universal – enquanto a maioria dos jovens afirma que utiliza o computador para escrever em processadores de texto, navegar na internet por diversão e enviar e-mails, apenas uma minoria se mostrou engajada em produzir conteúdo, por exemplo, através de blogs. Outra observação relevante é que o uso da tecnologia pelos jovens difere entre os grupos de diferentes faixas etárias e diferentes classes sociais. Portanto, é preciso especificar as particularidades do grupo a ser estudado para se evitar generalizações.

Para ajudar a pensar este problema, acrescentemos as observações feitas por Lisa Lee no artigo “Young people and the internet – From theory to practice” (2005), no qual a autora coloca em debate outros argumentos importantes referentes à inadequação do uso do termo “nativos digitais”. A autora propõe a desconstrução do conceito de que existem os chamados “nativos digitais”, visto que tal paradigma supõe que a juventude possa ser classificada em apenas uma categoria e que o impacto da internet na vida de todos os jovens aconteceria de forma homogênea. “O rótulo de ‘geração’ disfarça os múltiplos fatores que moldam a habilidade e o interesse no uso da tecnologia pela juventude” (Lee, 2005).

As generalizações sobre esta determinada geração não leva em consideração as diferenças entre os grupos e, nem mesmo, as diferenças entre os indivíduos dentro de um determinado grupo - a ideia de “nativos digitais” supõe que todos os jovens possuam, naturalmente, as habilidades necessárias para lidar de forma produtiva com os recursos tecnológicos, ignorando-se uma porção significativa de jovens que não

possuem o nível de habilidade esperado, seja por falta de oportunidade ou por falta de afinidade. “O paradigma determinista, portanto, ignora o fato de que a inclinação e a oportunidade de uso são pré-requisitos para a existência de uma ‘net generation’”. (Lee, 2005).

Lisa Lee sugere que, ao menos, se deve usar um diagrama simples para considerar os diferentes tipos de usuários dentro do grupo a ser estudado. Deste modo, evita-se a suposição de que todos os jovens deste grupo possuem as mesmas motivações internas e limitações externas. Logo, seriam, no mínimo, três tipos de usuários:

	Jovens		
Oportunidade	Sim	Não	Sim
Inclinação	Não	Sim	Sim
	Usuário 1	Usuário 2	Usuário 3

Portanto, para os autores acima citados, o termo “nativos digitais” parece ser inapropriado para explicar as relações dos jovens com as mídias digitais e por isso não será empregado neste relatório. Procuo, ainda, evitar o erro das generalizações e, deste modo, tento especificar as características do grupo social em questão. A pesquisa “Juventude e Mídia: fatores sociais e escolares” analisou questionários respondidos por 3.705 alunos do nono ano de 39 escolas públicas do Rio de Janeiro do ano de 2009 - nascidos, em sua maioria (69,7%), em 1993 e 1994. Após verificar que 96,7% dos alunos declararam ter acesso ao computador (sendo que 24,3% dizem ter acesso a internet discada e 56,2% à internet de banda larga), é preciso averiguar as atividades mais praticadas por estes. Assim, será possível constatar as preferências e se o tempo de uso possui alguma relação com a diversidade das atividades - 84,7% dos estudantes afirmaram usar o computador há, pelo menos, mais de um ano.

Eram 21 itens a serem respondidos dentro do quesito uso. Vale lembrar que consideramos as porcentagens somadas das respostas “Várias vezes por semana”, “Uma vez por semana”, “Várias vezes ao dia” para determinar o baixo ou alto uso dentro de cada item.

Primeiramente, para melhor observar as preferências, separemos os diferentes tipos de uso do computador em três áreas: uso social (atividades ligadas à comunicação online e relacionamentos); uso tecnológico (atividades relacionadas ao domínio dos recursos tecnológicos – detecção de vírus, gravação de CD e DVD, edição e postagem de vídeos e áudios etc.) e uso educacional (pesquisa, elaboração de trabalhos escolares, escrita, preparação de apresentações etc.).

As duas atividades que aparecem com o índice de uso mais alto estão dentro da área de uso social: 78,1% dos alunos afirmam freqüentar sites de rede social, tais como Orkut e MySpace. A comunicação por mensagem instantânea online, através do MSN e do Skype, aparece em segundo, com 76%. Porém, a troca de conteúdo parece ocorrer de forma ampla apenas no contexto da vida social. Apenas 30,9% dos estudantes afirmaram participar de blogs ou grupos de discussão pela internet. Menor ainda é o índice daqueles que usam o computador para escrever textos pessoais : 23,7%. Tais resultados demonstram a necessidade entre os jovens de manterem contato uns com os outros, procurando reproduzir a vida real em um contexto virtual.

Apesar de a participação em grupos de discussão não ser uma atividade popular entre os jovens, existe o interesse em procurar novos temas. São 43% que afirmam pesquisar na internet para aprender coisas novas e 41,5% que procuram informação no universo online. Ambas são atividades que podem ser parte do âmbito educacional, embora tais pesquisas alegadas possam ser de variados temas, inclusive os mais populares, como celebridades, como observado em pesquisas internacionais. Observa-se que a busca pelo conteúdo é um fenômeno mais frequente que a produção do conteúdo em si.

As atividades definidas por nós como escolares são pouco frequentes entre os jovens da Pesquisa Juventude e Mídia. Apenas 26,2% afirmaram usar programas educacionais para fazer tarefas escolares. E o índice se mantém baixo até mesmo para escrever trabalhos: 29,6%. Por fim, foram 26,3% que responderam copiar e colar textos da internet em trabalhos escolares – neste item, porém, é difícil precisar a confiabilidade da resposta por implicar em atitudes que seriam consideradas indesejadas da parte dos estudantes, impedindo que se afirme que este percentual seja o adequado.

Comentemos, então, o uso tecnológico do computador. Deve-se, primeiramente, explicitar que algumas atividades relacionadas ao uso tecnológico são intensamente influenciadas pela afinidade dos estudantes com estas atividades propostas. Ou seja, não se trata apenas de compartilhar experiências semelhantes às da vida real através da

mediação do computador. As experiências tecnológicas, muitas vezes, possuem pouca conexão com a realidade, como é o caso de jogos: 38,8% dos estudantes responderam que usam jogos instalados ou em CDs e 39,4% que jogam online.

Porém, o uso tecnológico relacionado à vida real já possui uma porcentagem mais significativa de uso: postar fotos (48,9%) e ler e enviar mensagens por e-mail (48,3%), que implicam interação direta com outras pessoas.

A terceira atividade com o uso mais frequente se encontra no âmbito tecnológico: 65,5% dos estudantes afirmam baixar músicas pela internet. Outros usos com percentuais elevados são assistir a filmes e clipes online (51,7%), baixar fotos da câmera digital (45,4%), postar músicas (40,9%) e baixar programas pela internet (36,1%). Os índices são baixos em outras atividades, tais quais desenhar, pintar ou usar programas gráficos (23,4%) e baixar ou ler livros digitais (13,7%) e postar vídeos digitais (21%).

Visto que 96,7% dos estudantes que participaram dessa pesquisa têm acesso ao computador, aparentemente o uso está sendo limitado pela inclinação, ao invés de pela oportunidade. A inclinação determina o que cada jovem escolhe fazer durante o tempo que passa usando o computador.

A seguir, portanto, faremos uma observação sobre o nível socioeconômico dos estudantes. Para ajudar a determinar o nível socioeconômico dos estudantes do 9º ano do EF das escolas públicas do Rio de Janeiro, foram adicionados aos questionários itens que determinassem o acesso dos estudantes a diferentes bens, materiais e simbólicos. Estes itens indicam acesso à informação e à cultura ou, ainda, a capacidade de aquisição de produtos. Os estudantes podiam escolher entre apenas duas alternativas de resposta: “Sim” e “Não”.

Os bens materiais com os maiores índices de posse são rádio (95,9%), televisão (97,5%), aparelho de som/mp3 (87,5%), aparelho de DVD (92,7%) e CD de músicas (94,4%). Quanto há estes itens, não há distinção significativa entre os alunos, ou seja, não permitem distingui-los economicamente, por serem de posse da imensa maioria dos respondentes. Portanto, seria improvável existir alguma conexão entre os modos de usos das mídias e os itens explicitados acima. Deste modo, mostra-se desnecessário o comentário sobre cada item específico, por não serem significativos para os resultados e observações desta análise.

Foram 96,7% dos estudantes que declararam ter acesso ao computador. Porém, quando questionados sobre ter acesso ao computador em casa em meio às perguntas de

nível socioeconômico, o percentual cai para 75,6%. Logo, confirma-se que outros locais de uso são importantes para que os alunos possam exercer suas atividades no computador, não apenas a própria casa. Aqui, verifica-se a oportunidade limitada, possivelmente por fatores econômicos. A resposta a este item se encontra em harmonia quando o assunto é acesso à internet: 24,3% dizem ter acesso a internet discada e 56,2% à internet de banda larga. Visto que o acesso à internet banda larga não exclui a possibilidade do acesso à internet discada, é plausível que a soma de acesso à internet (80,5%) ultrapasse ligeiramente o acesso ao computador. Verifica-se também que possuir computador, hoje, é também possuir internet, como se uma função não fosse mais desvinculada da outra.

Há dois itens que claramente distinguem os alunos entre si: acesso à assinatura de jornais e/ou revistas de informação geral (22,5%) e a revistas de divulgação científica, como a “Superinteressante” (24,4%). Contudo, estes são dois itens particulares, característicos, em geral, de um nível socioeconômico mais elevado – a busca pela informação, para se manter informado sobre assuntos e fatos não necessariamente cotidianos, mas de relevância cultural. Porém, ainda que este acesso específico seja baixo para a maioria dos estudantes que participaram dessa pesquisa, existe um acesso a bens simbólicos através de outras fontes de informação: jornais e/ou revistas de informação geral (71%) e livros de literatura (68,1%).

Porém, o acesso não garante o hábito. É preciso verificar o consumo cultural dos estudantes para criar uma conexão: o acesso à cultura será restrito pelo hábito, visto que a oportunidade seria, aparentemente, viável?

Passemos, então, para a observação e descrição do consumo cultural dos alunos pesquisados. Por consumo cultural se entende as atividades praticadas pelos jovens em um contexto desarticulado da vida escolar – as preferências e hábitos do cotidiano. Escolhemos os itens a serem analisados, visto que alguns são tão difundidos e realizados por todos que não trazem um acréscimo relevante à observação e comparação propostas por esta análise, como é o caso do hábito de “ouvir música”, praticado por mais de 90% dos estudantes em bases constantes ou, ainda, atividades que sejam mais limitadas pela afinidade do que pela oportunidade ou inclinação cultural, como é o caso da prática de esportes.

As respostas possíveis para os itens de consumo cultural eram sete: “Nunca”, “Uma vez por ano”, “Uma vez por semestre”, “Uma vez por bimestre”, “Uma vez por mês”, “Uma vez por semana” e “Várias vezes por semana”. Consideremos sempre um

grupo de respostas para cada categoria diversa. Iniciaremos, por exemplo, com a categoria “Leitura” – a leitura, para ser considerada constante, deve ser realizada uma vez por semana ou várias vezes por semana. Portanto, para esta categoria, consideremos apenas estas duas repostas. Porém, este é um fato que se modificará a cada categoria, visto que frequentar museus uma vez por mês, por exemplo, também pode ser considerado constante, por se tratar de uma atividade de um tipo diverso.

A leitura, enfim, aparece explicitada nos seguintes itens: ler jornais e revistas (68%), ler a Bíblia ou outros livros sagrados (39%), ler a parte esportiva dos jornais (55%) e ler livros de literatura e poesia (36,2%). As atividades de leitura relacionadas a livros sagrados e esporte demonstram, além de oportunidade, interesse pelo tema, portanto, é plausível comentar que os índices são um reflexo da afinidade dos estudantes com tais assuntos. Porém, ler jornais, revistas e livros literários indica um interesse pelo consumo cultural, pela informação. O interesse em saber sobre as notícias cotidianas é compatível com o acesso às mesmas fontes de informação: enquanto 68% dos estudantes afirmam consumir as notícias diárias, 71% responderam ter este acesso – o que constitui uma porcentagem desejável. Contudo, o consumo literário está muito aquém ao acesso: 68,1% dos estudantes afirmam ter acesso aos livros de literatura, porém, apenas 36,2% possuem este hábito.

Passemos, então, ao consumo cultural através da televisão ou da internet. O importante é diferenciar o hábito de ler com o hábito de assistir. São diversos os tipos de respostas possíveis para os itens de consumo cultural. O interesse é um fator amplamente observável – porém, é preciso distinguir interesse pela informação e interesse pelo entretenimento.

Também nesta categoria serão consideradas apenas as respostas “Uma vez por semana” ou “Várias vezes por semana” para se falar em constância. Os índices nesta categoria são bastante significativos. Falemos, enfim, sobre os itens que demonstram um possível interesse maior pela informação. São 80,8% dos estudantes que afirmam assistir a documentários na TV e 84% que assistem a jornais e noticiários. Descrevo, também, os altos índices de interesse por programas ou produtos ligados a entretenimento: assistir a shows e musicais na TV/DVD/Internet (86,5%), assistir a filmes ou seriados na TV/DVD/Internet (87,4%), assistir a novelas na TV (76,9%) e assistir a programas esportivos na TV (58,1%). Assim, o interesse pela informação parece tão significativo quanto o interesse pelo entretenimento, mas observa-se aqui uma maior afinidade com o hábito de assistir do que com o hábito de ler.

Por fim, falaremos sobre as atividades que são praticadas fora de casa, criando uma categoria para o lazer em locais públicos. Consideremos, portanto, as respostas “Uma vez por mês”, “Uma vez por semana” e “Várias vezes por semana” para considerar a prática constante. Afinal, as atividades praticadas fora do âmbito doméstico dependem de fatores econômicos e temporais, nem sempre podendo ser realizadas todas as semanas. Neste caso, “Uma vez por mês” já acrescenta um valor significativo.

Também nesta categoria faremos a separação entre conteúdo de informação e conteúdo de entretenimento, pois ainda que alguns itens não possuam uma distinção tão precisa, é necessário para melhor compreendermos a diversidade de tipos praticados.

As atividades relacionadas ao entretenimento demonstram serem praticadas pelos estudantes com constância desejável. Foram 61,2% que responderam frequentar o cinema, ao menos, uma vez por mês. Outros itens aparecem com um percentual parecido: ir à praia (65,7%) e ir a bares e restaurantes (64,3%). As atividades ao ar livre, por serem custosas, estão provavelmente limitadas por fatores econômicos – os índices, se fossem constatados apenas pelo interesse, poderiam ser mais altos. Porém, há restrições de natureza econômica. Ainda assim, são percentuais significativos, positivamente. Outro indicativo da influência do aspecto financeiro no consumo cultural é que a atividade mais praticada pelos jovens é ir a festas e casas de amigos (83,7%), que pode ser entendida como a atividade menos custosa entre as explicitadas acima.

Contudo, o percentual de frequência é muito menos significativo quando se trata de atividades relacionadas à informação. Visto que os estudantes praticam atividades relacionadas ao entretenimento com uma constância expressiva, não é plausível admitir que a limitação econômica é o fator mais restritivo quanto a esse aspecto: quando se trata do lazer em locais públicos, o interesse no consumo cultural de informação é limitado. Afinal, apenas 25,6% dos estudantes dizem ir a museus e/ou centros culturais ao menos uma vez por mês e 30,9% que afirmam frequentar a livraria. Porém, é importante considerar a distribuição desigual de equipamentos públicos entre os diferentes bairros da cidade – enquanto alguns bairros, tem um alto índice de museus, teatros, salas de cinema, bibliotecas e centros culturais, outros, não tem nenhum ou, se tem, são poucos e insuficientes.

O teatro, provavelmente, é uma exceção no contexto, visto que está no limite entre a informação e o entretenimento, além de ser bastante custoso, o que implica na relevância do fator econômico para este item (apenas 18,5% dizem frequentar o teatro).

Visto que o fator econômico é considerado uma limitação para a prática de atividades culturais, é necessária uma descrição do perfil socioeconômico dos estudantes, para averiguar a situação financeira dos mesmos. A maioria dos estudantes que responderam ao questionário afirmaram viver em: casas ou apartamento com uma sala e um banheiro, possuir um telefone fixo, mais de um aparelho de celular, câmera fotográfica digital, televisão e geladeira duplex e máquina de lavar roupa. Quase 80% afirmaram não ter carro ou moto.

O nível de escolaridade dos pais é um fator indicativo da situação socioeconômica da família, por ajudar a determinar, entre outros, a profissão seguida, a renda familiar e a percepção da importância do acesso ao consumo cultural, previamente discutido. Uma constatação interessante é que muitos alunos não sabem precisar o tempo de escolaridade dos pais, provavelmente porque o assunto não foi discutido em família por não se tratar de uma relevância para a carreira que seguem estes pais, por exemplo.

Portanto, em relação à escolaridade dos pais e das mães, segundo as respostas dos estudantes, cerca de 20% cursaram apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental e em torno de 20% têm Ensino Fundamental completo, cerca de um terço dos seus pais e mães estudaram até o Ensino Médio; e em torno de 10% cursaram Ensino Superior.

Considerações finais

Com esse estudo, pretendi apresentar o perfil socioeconômico e cultural dos sujeitos da pesquisa “Juventude e Mídia: fatores escolares e sociais” e fazer uma observação dos modos de uso das mídias por estes estudantes. Eram 3.705 alunos do nono ano de 39 escolas públicas do Rio de Janeiro do ano de 2009 - nascidos, em sua maioria (69,7%), em 1993 e 1994. Verifica-se uma forte presença da mídia: 3.582 alunos (96,7%) declararam que têm acesso ao computador. Foram 84,7% dos estudantes que afirmaram utilizar o computador há, pelo menos, um ano e, principalmente, dentro de casa. Porém não foi possível encontrar uma relação entre o tempo de uso e o desenvolvimento de interesses por novas atividades. O uso social do computador, ou ainda o uso tecnológico voltado para fins sociais – como saber postar fotos, são os mais praticados entre os estudantes. Percebe-se, também, que o interesse em procurar e pesquisar novidades é maior do que o interesse em produzir conteúdo. Sendo alta a

porcentagem de estudantes com acesso ao computador, as atividades realizadas mostram-se determinadas, primeiramente, pelo interesse, ao invés de pela oportunidade.

Em seguida, foi feita uma análise sobre o nível socioeconômico dos estudantes do nono ano das escolas públicas do Rio de Janeiro a partir da observação da existência de elementos que demonstram acesso à informação e à cultura ou, ainda, a capacidade de aquisição de produtos no cotidiano dos alunos. Verificou-se que o acesso não garante o consumo cultural cultivado. E o consumo cultural, por sua vez, mostra-se limitado por fatores econômicos. Esta limitação é confirmada a partir da observação dos indicadores socioeconômicos: a posse dos bens que seriam mais custosos, como meios de transporte, não possui um percentual significativo. Ou seja, a capacidade de aquisição das famílias destes estudantes pode ser considerada uma restrição.

Bibliografia

1 – JENKINS, Henry. Cultura da Convergência; tradução Susana Alexandria. – 2 ed. –

São Paulo: Aleph, 2009.

2 - LEE, Lisa. Young people and the internet: from theory to practice – London: SAGE

Publications, 2005.

3 – BENNET, Sue, MATON, Karl e KERVIN, Lisa. The “digital natives” debate: A

critical review of the evidence – Oxford: Blackwell Publishing, 2007.